

Cardiologia comportamental estuda como fazer que as pessoas não deixem de tomar medicação

Pesquisa mostra que 40% das pessoas, mesmo as que já tiveram infarto ou AVC, acabam abandonando os remédios que poderiam salvar suas vidas

Uma parcela significativa dos 340 mil brasileiros que falecem a cada ano devido a doenças do coração teria sobrevivido se não tivesse deixado de tomar os remédios indicados pelos médicos. A afirmação é do cardiologista Maurício Wajngarten, que preside o Grupo de Estudos em Cardiologia Comportamental da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC). O Grupo, recém-formado, estuda uma nova fronteira do conhecimento, que busca aumentar a “aderência” ao tratamento, isto é, conseguir que o paciente tome religiosamente o remédio que pode salvar sua vida, mas que muitos abandonam pelos mais variados motivos.

“O problema não é brasileiro, mas mundial”, explica, “pois ao não sentir sintomas de doenças silenciosas como a hipertensão, o paciente abandona o tratamento e confessa, já no hospital, que pensou não precisar mais do remédio.” Os motivos são diversos, mostra a pesquisa: o custo da medicação, a necessidade de voltar ao médico para nova receita, a ideia de que só se toma remédio quando se sente doente e desinformação, como a crença de que no dia em que ingeriu álcool é melhor não tomar o medicamento.

Maurício Wajngarten, que juntamente com Marcelo Katz assinou o editorial do último número da revista científica *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, diz que os estudos internacionais mostram que mesmo em países com população culturalmente mais avançada, caso da Suécia, 40% dos pacientes com arritmia acabam abandonando o uso do anticoagulante que, nesses casos, é vital.



“Centroavante” é o paciente

“O desafio do nosso tempo é conseguir que o paciente não abandone o tratamento”, diz o médico, e lembra que “no time da saúde o centroavante é o paciente”. Cabe ao médico, à enfermeira, ao assistente social e mesmo ao psicólogo encontrar caminhos para que as pessoas entendam que o uso diário do medicamento fará a diferença entre viver bem, viver mal ou morrer.

O médico deve explicar claramente isso ao paciente, deixar claro no receituário a importância da aderência e combater a desinformação, como aquela segundo a qual o anti-hipertensivo só é necessário se a dor de cabeça indicar pressão alta. É preciso conscientizar a família de que a vida do paciente depende do tratamento contínuo.

É fundamental simplificar o tratamento, com o menor número possível de remédios e tomadas por dia. Um exemplo dessa busca é o desenvolvimento da “polipílula”, um único comprimido que conteria os vários princípios ativos. O papel de outros profissionais da saúde, como enfermeiros e farmacêuticos, também é muito importante, à medida que esclarece os motivos.

O tema é tão importante, que será debatido no Congresso Brasileiro de Cardiologia deste ano, em Curitiba. A questão principal, finaliza Wajngarten, “é que, embora o problema seja conhecido e seu efeito sejam as mortes evitáveis, o mundo ainda busca um modelo prático eficaz para fazer que o paciente entenda que sua saúde, e mesmo a sobrevivência, depende de nunca deixar de tomar os remédios que foram receitados”. ■

